ANO 2.º LISBOA—SABADO, 4 DE NOVEMBRO DE 1922 N.º 486

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

OS CAMBIOS

Ainda ontem escrevemos, na primeira página do *Diario de Lisboa*, que os individuos que promovem a ruína do país, fazendo caír o cambio, pertencem á categoria dos que sacrificam todos os escrupulos ás suas cubiças infames.

Primeiro, os seus negocios; depois, o bem comum.

Pouco lhes importa que as actividades produtivas padeçam com as suas manobras, visto que o seu intuito, ferozmente sordido, só admite esta preocupação — enriquecer. A vida encarece progressivamente, absorvendo todas as verbas dos orçamentos domesticos, espalhando tragedias pelos lares pobres..

Que têm eles com isso?

A guerra terminou, nos campos da batalha, mas estabeleceu os seus arraiais nas cidades e nos campos, sob a fórma covarde de mercantilismo.

Não só se especula com produtos e generos de consumo, mas com o proprio dinheiro, convertido em mercadoria cujo valôr cresce ou diminui, conforme as ambições dos homens.

Não são já os valentes que se batem por um ideal patriotico ou humano, mas sim os traficantes que lutam pelas prosperidades do seu ventre.

A sorte dos povos depende hoje das digestões duma larga matilha.

Portugal, mesmo com a sua politica de pusilamines, com as suas resoluções e com os desvairamentos das [illegible] devia ter um cambio muito [illegible] da peseta, [illegible] lira, etc., como [illegible] escudo tivesse marcados os estigmas da nossa suposta, mas apregoada miseria.

Não desconhecemos que há factores de oscilação, elementos de depressão cambial que exercem a sua influencia, em quasi todos os povos, de moeda depreciada

Mas, descontando isto, se as unhas danadas da especulação não se enterrassem no corpo do país, a fim de sugarem a ultima gota do seu sangue, a nossa situação financeira seria assás desafogada.

Somos um país que vive na maior amargura, não obstante a sua crise ser quasi um artificio de governos incompetentes e de patifes sem entranhas.

A Espanha, armada com a sua peseta, parece um gigante, ao nosso lado. No entanto, os nossos recursos não justificam tamanha diferença de proporções, pois todos sabemos que Portugal, com as suas vastas e riquissimas colonias, reune condições de prosperidade que poucas nações da Europa igualam.

O escudo é hoje, por escarneo da sorte, uma moeda desvalorizada, mais pela maldade dos que tudo querem algibeirar, sem nada produzir, do que pelo enfraquecimento das nossas fontes de riqueza.

Preparando os espiritos...

—Quando vier o bolchevismo, você tem de dar metade do que tem.
—Pois bem: tenho reumatismo, diabetes e de vez em quando alguma cólica.

MORREU ontem Afonso de Bragança, camarada dos primeiros dias do *Diario de Lisboa*, cronista de finas ironias que sabia engastar, no breve comentario dum facto ou caso vulgar, o conceito em que faiscava o dito de espirito que era tambem a sua maneira de reagir contra a adversidade que o molestava.

Não sendo rico, tendo de ganhar o seu pão, apezar da sua constante falta de apetite, dispersou a sua inteligencia moça, elegante e brilhante, dando a jornais e revistas uma colaboração que, ligeira como um bater de azas, era sempre um *momento* da sua sensibilidade.

Nunca escreveu por capricho, por desfastio ou para se *dar ares*.

A sua pena, que muitos julgavam boemia como a sua existencia, era a razão de ser da sua alma, lirica, enternecida, que misturava o *humour* e o sentimento em dôres que se equilibravam, numa combinação de tons suaves, em que se destacava o roxo das violetas.

O seu primeiro e unico livro—*Amostras sem valor* não é o *seu livro*—o que define um temperamento e orienta um destino. Tem simplesmente a sua marca. O livro que trazia nos seus nervos, mas que ele já *via* e os seus seus intimos adivinhavam, nas horas de confissão, esse levou-o comsigo para o outro mundo, devendo valer-lhe, perante Deus, um olhar de infinito [illegible]

[illegible] cinco anos, [illegible] mocidade a florir e a [illegible], nos braços duma implacavel fatalidade. Dois redactores do *Diario de Lisboa* que ha poucos dias o visitaram, nos arredores do Porto, no meio duma paisagem quasi pastoril, encontraram-no já tão leve de corpo, tão devorado pela febre—que ele nem já sentia, por ser a sua companheira de todos os dias—que logo calcularam que depressa se desprenderia do seu mortal envolucro.

Ele, porêm, desconhecia o seu estado, erguendo para sua mãe, que o velava com inexcedivel e magoado carinho, os olhos cheios de esperança.

—Conto, apenas me sinta melhor, partir para Lisboa, pois desejo voltar aos meus trabalhos e ao convivio da rapaziada amiga. Apenas me possa levantar, meto-me no comboio com a minha santa velhinha e vamos viver os dois, numa casita florida e tranquila, para os lados de Queluz...»

Norberto de Araujo e Norberto Lopes que o escutavam, neste fatal engano, a custo contiveram as lagrimas.

Só um milagre o poderia salvar!

Ele, que fôra sempre um desprendido da vida, não se dando ao incomodo de rir com alegria, porque sabia que o coração é o coval das nossas ilusões, precisamente quando estavam quebradas todas as suas amarras e consumidas as suas energias, é que se agarrava a uma mentira mortal, para sobre ela vogar para o mais belo sonho da sua destroçada juventude.

Pobre Afonso de Bragança!

Sucumbiu, tendo no horizonte do seu derradeiro sonho um bando de frageis quimeras, que se ergueram das suas noites alucinadas, febris. Elas foram a sua ultima criação, que desabrochou sómente para o impossivel.

A casita de Queluz ficará sendo uma aspiração idilica da sua ansia de repouso. Deus recolheu-o junto de si, tirando-o de todas as incertezas.

As muitas pessoas que o choram recordam-no com uma saudade em que o seu vulto passa num eterno adeus.

A proposito da entrevista que o *Diario de Lisboa* ontem publicou sobre o Ministerio da Agricultura, recebemos duas cartas, uma do sr. Antonio Goulart Cardoso, chefe da divisão da agrimensnra, e outra do sr. José Manuel da Assunção, director geral do credito agricola.

Não as publicamos hoje por terem chegado tarde ás nossas mãos. Na proxima segunda-feira prestaremos aos seus sinatarios as honras que nos merecem.

O *Diario de Lisboa*, que não empenhou no assunto as suas opiniões, felicita-se por mais uma vez concorrer para que a verdade triunfe.

* * *

O SR. Ginestal Machado, no seu discurso de ontem, na Camara, disse que o chamado conflito entre a sciencia e a religião ha muito que deixou de existir. Quanto folgamos com tal afirmação! O saber humano não pode minar os fundamentos da fé, visto que esta é do dominio da consciencia que tem um campo de acção e de inspiração mais largo que a inteligencia.

Entre nós, porém, houve, durante muito tempo, quem se esforçasse em demonstrar o contrario. Felizmente que o êrro gasta-se com o tempo—o que não acontece á verdade [illegible] todas as molestias e fraquezas.

* * *

AO contrario do que se lia ontem no *Diario de Noticias*, que apresentava certas casas como fiadoras do sr. José Ruggeroni, este senhor depositou, na Caixa Geral de Depositos, a quantia de 8:400 libras, não se lavrando, portanto, termo de fiança mas de deposito.

As casas em questão nem sequer foram abordadas sobre tal assunto.

Na organização da nova empresa que edita *O Seculo*, tambem não entraram certos bancos que alguns jornais nomearam, como o Banco Colonial, Ultramarino, etc.

* * *

A lei da caça considera bagagem dos caçadores as peças mortas que tragam consigo. Qual será, pois, a razão porque, na estação do Terreiro do Paço, os empregados do Sul e Sueste obrigam a pagar por elas despacho, chegando a abrir as malas de mão dos caçadores, não vá escapar-se alguma perdiz sem o respectivo pagamento?

* * *

TRANSCREVEMOS na terceira pagina um formoso trecho da peça historica *Vasco da Gama*, original do distinto poeta Silva Tavares, que se está representando com exito no teatro de S. Carlos.

* * *

ENCONTRAM-SE já á venda os dois volumes da *Recreação Periodica*, do Cavaleiro de Oliveira, elegantemente traduzida e prefaciada por Aquilino Ribeiro. A edição pertence á Biblioteca Nacional de Lisboa.

* * *

A SECÇÃO editorial do *Seculo* publicou um novo romance, *Cadeia de Crimes*, de Guy Thorne.

Pelos teatros

Uma carta

Do jornal «A Farça» recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—Tem o vosso simpatico jornal sempre um cantinho reservado ás reclamações, alvitres e outros informes que tornam preciosa a leitura do «Diario de Lisboa», que é, sem favor, considerado um jornal de hoje, desta época vibratil de nervosismos e assuntos momentaneos.

E a esse cantinho vêm acolher-se quantos têm que dizer de sua justiça, quantos pretendem tornar do dominio publico o que lhes diz respeito.

Ora, se o «Diario de Lisboa» tão bizarra recepção faz sempre aos colaboradores de fóra, que são aqueles para quem o dito cantinho está reservado e a todos eles outorga a faculdade da exposição livre de assuntos que individual ou colectivamente possam beneficiar o alvo que pretendem atingir e tratando-se, como adiante se verá, dum caso que se relaciona com a gente de teatro, para quem as portas do «Diario do Lisboa» estão, desde o seu inicio, abertas de par em par, ousamos vir rogar-lhe o favor da publicação do pequeno relato do que se nos afigura util dar vista a quantos por ele se interessam.

Muito se tem ultimamente falado e escrito a proposito da solidariedade da familia teatral e do lamentavel abandono a que eles proprios se entregam, não cuidando dum futuro que os abrigue da miseria a que muitos têm chegado.

Quasi todos os jornais botam de quando em vez o seu espiche sôbre o assunto e cada um deles proclama benemerito da classe teatral quem melhor se lhe afigura digno de tal honrosa menção.

De acordo com essa doutrina, verificámos estar o *Diario de Lisboa*, que bastas vezes tem tratado do caso com todo o carinho, e ainda no seu numero 475 publicava um precioso artigo do paladino defensor da causa dos artistas dramaticos, Avelino de Sousa, seguindo-se-lhe outro do fervoroso apostolo Casimiro Tristão.

Como ao jornal «A Farça» cabe tambem um pedacinho das honras que tão prodigamente se estão distribuindo a torto e a direito, e como até hoje não tenhamos visto que alguem dele se haja lembrado, vimos nós, humildes pioneiros duma tarefa que deu á costa por falta de apoio dos proprios interessados, constatar alguns factos que, quando para mais não sirvam, são preciosos subsidios para a historia da solidariedade entre a numerosa classe teatral.

Durou 2 anos (1919-20) «A Farça», jornal de beneficencia que se propoz, numa cruzada de bem, auxiliar os artistas invalidos. Com muitos esforços e canceiras e com algumas ingratidões e más vontades a vencer, conseguiu «A Farça» angariar e distribuir no seu primeiro ano de existencia a bonita soma de 937$31 e da qual beneficiaram os seguintes necessitados: João Rebocho, Eusebio de Melo, Amelia O' Sullivand, Antonio Silva (antigo rabulista do D. Maria) e mais tarde sua viuva, Judit Bastos, Mario Encarnação, Holtremann, José Pedro e actor Martins (do Porto), viuva do fiel Gambetta, do teatro Avenida, Galvão, Jorge Ferreira, F. Nazaré, uma neta do maestro Rio de Carvalho, Sarmento, Judite Bastos, Sára Madeira, Alberto Ludeux, Sofia de Oliveira, Ema Amorim, Laurinda Coimbra, Josefina Soares, Beatriz Lorena, Carlota Fialho, viuva do velho actor Chaves e viuva do actor Armando Coelho.

Os donetivos com que a «A Farça» socorreu, ainda que parcamente, estes infelizes foram angariados em subscrições, venda de jornais, peditorios e toda a especie de motivos de que se lançava mão para conseguir o desejado fim que incumbia ao jornalsito.

Tudo fizemos durante dois anos em favor duma classe que vagarosamente vinha até e quantas vezes até... adiante.

A seu cargo tomou tambem «A Farça» a defeza da desgraçada corista Elvira Viana, infeliz farrapo humano que na Moita foi acusada do crime de assassinio na pessoa dum trabalhador rural, sendo absolvida e protegida pelo nosso jornal, que para ela angariou vestuario e donativos.

Para a Casa Gil Vicente, de que «A Farça» foi quasi um porta-voz, tendo feito acaloradamente a sua propaganda, contribuiu tambem com um relativo obolo.

Duma festa que se realisou no Edén, depois da meia noite, apurou «A Farça» 832$86, que assim distribuiu: para o seu fundo de beneficencia 277$62, para a viuva e filhos do escritor Artur Rocha, 277$62, entregando ao sr. Luiz Galhardo igual quantia para uma projectada Cooperativa dos Artistas Dramaticos... mas em tal Cooperativa nunca mais ninguem falou.

Foram estes e outros os serviços prestados pela «Farça» á classe teatral.

Pois sabe, sr. director, o que nos sucedeu? Tivemos de suspender a nossa empreitada porque aquêles a quem dizia respeito principiaram de fazer ouvidos de mercador ao nosso apelo, o que se tornava infelizmente... brandar no deserto.

Limitamo-nos a narrar factos e permitimo-nos oferecer aos leitores o ensejo de comentar como lhes parecer mais apropriado.

Devemos, porém, antes de terminar, observar que a nossa vinda a publico não tem a pretenção de colher aplausos á nossa modesta obra, que ha tempo suspendemos, pelas razões apontadas; pretendemos apenas inteirar quantos se interessam por estas ninharias, deixando contudo os idolos de pé para aprazimento da sua hipotetica glorificação.

Agradecendo o acolhimentos a este desabafo, subscrevemo-nos—De v. etc.—Pelo jornal «A Farça»—*Carlos Francisco Mega, Silvestre Rodrigues, Eurico Neves, João Celestino Pedroco.*

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Telefone N. 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais. Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 1[illegible]
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

CRONICA FINANCEIRA

A FLUCTUAÇÃO CAMBIAL

Quem são os agentes do agravamento?

O CUSTO DA VIDA

Pelo decreto n.º 8:443, datado dos Paços do Governo da Republica, em 21 de outubro findo, para execução da lei n.º 1:368, de 21 de setembro ultimo, na parte relativa ao imposto sôbre a aplicação de capitais em titulos estrangeiros, *ficou restrito aos titulos cotados ou negociaveis nas Bolsas de Lisboa e Porto* o referido imposto.

Um simples reparo: não compreendemos a falta de unidade de criterio que ha entre esta medida e a do paragrafo *2.º* do artigo 14.º do decreto n.º 8:442 que declara como prejudicial á economia do país, e como tal defesa a importação de titulos estrangeiros que não sejam cotados nas Bolsas de Lisboa e Porto, e este decreto n.º 8:443, que designadamente onera com o novo imposto de aplicação de capitais esses titulos cotados nas nossas Bolsas.

Mesmo que os ministros das Finanças que subscrevem os dois decretos não fôssem a mesma pessoa, o criterio governativo devia manter a unidade de vistas. Mas um e outro são assinados pelo sr. Vitorino Guimarães.

No decreto 8:442, em que se procura evitar a exportação de oiro, proibe-se a aplicação de capitais em titulos estrangeiros não cotados nas nossas Bolsas, aliás sem ressalvar—como aqui notámos—as dificuldades em que pode encontrar-se ámanhã o nacional que possua, á data do decreto, titulos estrangeiros não cotados e ainda não liberados que ámanhã façam qualquer chamada.

Mas, emfim, entende-se o criterio que guiou o sr. ministro das Finanças nesse decreto.

No decreto 8.443, em vez de uniformisar o criterio dando um tratamento de mais favorecido ao titulo estrangeiro cotado nas Bolsas de Lisboa e Porto, não, senhores: é esse que se escolhe para se aplicar o imposto.

Uma unica uniformidade, senão de vistas, de resultados praticos, encontramos nos dois decretos: uma atitude menos lembrada para com o Brasil.

Ha justamente fortes e prosperas empresas brasileiras, cujo papel não está ainda cotado, que contam uma avultada subscrição em Portugal: proibir a aplicação de capitais em titulos estrangeiros, sem ressalvar os titulos brasileiros, pelo menos a aplicação de capitais á liberação de titulos já subscritos e ainda não integralisados, é esquecer o que todos os dias se diz que pretendemos demonstrar á grande Nação brasileira.

Lançar um novo imposto sobre a aplicação de capitais em titulos estrangeiros cotados nas Bolsas de Lisboa e Porto é esquecer lamentavelmente que nas nossas Bolsas ha titulos brasileiros cotados, como correspondencia a identico tratamento de titulos portuguezes na Bolsa do Rio, e que essa correspondencia vai transformar-se numa desigualdade de tratamento, esquecendo-se assim o que todos os dias se apregoa nos discursos oficiais como pretendendo-se demonstrar á grande Nação brasileira.

Se pretende evitar as saídas de ouro para a aplicação em titulos estrangeiros, tinha agora, ao regular o imposto sôbre o rendimento, uma boa ocasião de perseguir o titulo não cotado, considerando-o de vez como titulo clandestino, ressalvando sempre os titulos brasileiros, e de canalisar os capitais portugueses para os titulos cotados, por um tratamento de mais favorecidos.

Quando não houvesse nem uma unidade de criterios na redacção dos dois decretos, devia haver ao menos o cuidado de exceptuar dessa medida os titulos brasileiros, de fórma a que o que foi até agora uma correspondencia, passasse a ser uma perseguição, que póde ter—além de significados antagonicos com o estado da alma portuguesa para com o Brasil—podiam ter como consequencias represalias, cujos prejuizos não fossem cobertos pela cobrança do novo imposto que nós cá lançamos nos titulos estrangeiros.

Tal não sucederá, porque o Brasil nunca se apaixonará até fazer represalias a Portugal, mas por isso mesmo é que os nossos poderes legislativo e o executivo, quando investido das faculdades do primeiro, deviam ter junto aos selos do Estado uma chancela em que se declarasse que o Brasil não é para nós considerado *estrangeiro.*

***

O cambio firmou-se esta semana, tendo ontem á tarde dado sinais de afrouxamento.

Porquê esta fluctuação que veiu interromper a marcha para uma melhoria cambial, tão nitidamente prometida no mês de outubro findo, sobretudo na segunda quinzena?

Era, então, artificial o afrouxamento?

Não havia razões para desanuviar a sufocante situação do nosso mercado cambial?

A verdade será o pessimismo?

Não vêmos isso.

O que nos parece inbaseado é o novo agravamento.

As razões enumeradas na nossa cronica anterior (28 de outubro) como explicando o afrouxamento que se vinha notando, estão todas de pé. Nenhuma foi derogada.

Compreende-se que a onda do pessimismo seja volumosa e dificil de erguer o paredão para a contêr. O ambiente do agravamento cambial está feito; uma palavra, um boato de que *já se fez a 7/8* quando as operações estão a fazer a melhor cambio, é facilmente acreditado.

Mas não se queira justapôr essa onda derrotista á exacta situação do nosso balanço cambial nem se ande por aí á procura de novas causas para explicar a mudança da direcção da flecha.

Os principais agentes é toda a gente, são todos que teem quaisquer economias e na ansia de se ressarcir do agravamento do custo da vida, faz votos porque o cambio se agrave para apurar mais escudos.

Não reparando que a vida não espera pelo agravamento para encarecer, pois que os preços se agravam perante uma simples previsão de maior valor da libra em escudos, toda a gente especula, toda a gente pregunta a como ficou o cambio, toda a gente pede que se lhe dê palpites sobre a marcha dos cambios.

Apezar destes agentes, que são méros instrumentos inconscientes e automaticos, há talvez um defeito grave, profundo, serio nesta má hora portuguesa: o terem-se creado interesses que não são compativeis com o livre exercicio de certas instituições. Conhecêmos e poderiamos aponta-las, instituições que sempre repeliram êsses interesses, que sempre desconheceram o que sejam contas de participação, e que sempre conservaram e conservam a pureza da instituição alheia aos interesses antagonicos do comercio.

Mas poder-se-há generalizar esta certeza?

Não nos cabe a nós averiguá-lo.

Quem governa é que tem poderes e deveres. E o principal dever de quem governa hoje em Portugal é pôr os poderes de que estiver investido ao serviço da defesa de nós todos.

Quem governa não póde hoje descansar uma hora. Tem de estar em constante álerta, pára impedir tudo quanto possa comprometer as razões de afrouxamento cambial, que, tendo começado a dar os seus resultados, se não explica que cessassem nos seus bons efeitos.

Vigie-se, fiscalise-se, tenha-se uma acção continua e inteligente, tendo-se bem presente que não são meios simplistas atirados para a praça, através uma entidade, que bastam a evitar que o cambio garre.

Simultaneamente, olhe-se pela fixidez dos preços, quando o cambio melhore.

O custo da vida tem acompanhado e até aberto o cortejo do agravamento cambial e da desvalorisação da nossa moeda.

Entende-se, até certo ponto. O comerciante que comprou a mercadoria com o valor da libra suponhamos a 58$000 escudos; se o cambio se agrava e a libra passar a custar-lhe 90$00 ou 110$00 escudos, ele tem de encarecer as suas vendas. Se não ámanhã, quando quizesse comprar nova mercadoria, ele encontrar-se-ía com o capital da sua casa reduzido a metade.

Mas, porque é que esse mesmo comercio, tão pronto e tão atento na desvalorização da moeda, não se apercebe da sua revalorização?

Do cambio a 9 1|2 para o cambio a 2, a vida deu um salto mortal.

O cambio afrouxou, voltou aos 3 1|2.

Era natural que os preços acompanhassem esse afrouxamento?

Porque não se deu isso?

Porque assistimos a uma rigida fixidez de preços, quando o cambio afrouxa, tão contrastante com a galopada dos preços quando o cambio se firma, pouco que seja?

Estranho e incompreensivel fenomeno, só comparavel com a alta dos limões e das couves quando a nossa divisa cai em Londres!

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Henriqueta Meuron de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria da Conceição da Camara Pereira, D. Amelia Ferreira Lima, D. Maria Henriques de Lancastre (Alcaçovas) e D. Maria Domingas Queiroz Pinto Coelho.

E os srs.:

Barão de Saavedra, D. Francisco de Almeida Manuel de Vilhena, dr. Duarte Ferreira de Lima, dr. Anibal de Castro, Augusto Cardoso Pinto de Queiroz, Joaquim José Franco de Matos de Vasconcelos Guimarães (Riba Tamega), Fernando Bobone Testa, José Augusto dos Santos e o nosso colega do «Diario de Noticias» dr. Caetano Maria de Abreu Beirão.

Pontos de reunião

No Politeama

Assistencia elegante á ultima recita da «tournée» do grande actor Signoret:

Madame Cantillo, madame Lafayete de Carvalho e Silva, madame de Pondal, condessas de Alferrarede, de Seisal, de Ficalho, de Carnide e de Calhariz, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Ernestina Iglezias da Silveira Viana, D. Maria Berta de Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Amelia Burnay Morales de los Rios, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Eponina Mackee, D. Emilia Bourbon de Castro, D. Palmira Diogo da Silva de Sommer, D. Maria Isabel Perestrelo d'Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, madame Plantier e filha, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Laura de Oliveira Tenreiro Ilharco da Silveira Viana, D. Assuncion Burnay Morales de los Rios Froes, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier, D. Julieta Vaz Berneaud Alves, D. Maria do Carmo Navarro de Andrade Belmarço Pereira de Carvalho, D. Maria Antonia Tedeschi Placido de Melo Breyner, D. Tereza Burnay de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Arminda Machado Rangel dos Santos, D. Maria Luisa Diogo da Silva Teixeira, D. Paulina Maia de Lacerda, D. Maria Cohen do Espirito Santo Silva, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Maria das Dores Correia de Sampaio Brandão de Melo, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Margarida Brandão, D. Maria Henriqueta Galvão de Sá Ferreira Infante da Camara, D. Aida Moura, D. Alda Moura Viana, D. Jeanne Rey Colaço de Castro Freire, D. Helena de Melo Costa da Camara, D. Maria Heloisa Moreira de Almeida de Magalhães Colaço, D. Angelica Pavão Pereira Rosa.

D. Maria Rufina de Abreu Baptista, D. Margarida Lorjó Tavares, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Maria do Carmo Prostes da Fonseca de Andrade, Madame Meneses Moreira Ressano Garcia, D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes, D. Maria Alice de Abreu Baptista Germond de Oliveira, D. Ester de Castro Llorent, D. Marieta e D. Alzira de Barros Pereira de Carvalho, D. Maria Luisa de Vilhena de Magalhães Coutinho, D. Maria Galvão de Sá Ferreira, D. Alice e D. Maria Rey Colaço, D. Maria Cristina de Melo Manuel Bordalo Pinheiro, D. Mariana Barbosa da Cunha Soto Maior Riccou, D. Henriqueta Barbosa da Cunha Soto Maior Talone, D. Filomena Borges Lamarão, D. Laura Barbosa da Cunha Soto Maior, D. Maria Dyson Gomes, D. Adelia e D. Eulalia Pereira, D. Maria Jesus Cohen, etc.

Assistiram tambem ao espectaculo as actrizes D. Amelia Rey Colaço, D. Ester Leão, D. Alda Rodrigues, D. Constança Navarro, D. Ofelia Brochado, D. Antonia Mendes.

INVENTARIOS, QUESTÕES DE INQUILINATO, ASSUNTOS DE ADVOCACIA E PROCURADORIA

PROCURADORIA GERAL

LUSO-BRASILEIRA

TEL. N. 2363 R. OURO, 220-2.º

Concertos Blanch

A maior assinatura que se tem feito no teatro S. Luiz é a que está aberta para os concertos da Orquestra Sinfonica Portuguesa, dirigida pelo maestro Pedro Blnnch, que tem sido concorridissima, terminando a preferencia dos antigos assinantes na segunda feira, dispondo na terça a empresa, sem compromisso de especie alguma, de todos os logares cujos bilhetes não tenham sido retirados até aquele dia, a fim de satisfazer os inumeros pedidos de novas assinaturas, o que vem mais uma vez demonstrar que os concertos Blanch, constituindo verdadeiras tardes de grande arte, são o ponto de reunião aos domingos de todas as familias elegantes da sociedade.

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18—Praça dos Restauradores—18

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

UMA PEÇA HISTORICA

"VASCO DA GAMA"

poema epico em 4 actos

ORIGINAL DE SILVA TAVARES

SCENA TERCEIRA

Vasco da Gama e D. Catarina

D. CATARINA—*com amargura, a Vasco:*

O que diz, meu Vasco, é que esse mar não tem
passagem para além do Cabo; que ninguem
conseguirá vencer aquele monstro enorme,
e que triste de quem, chegando ali, não torne
ao ponto da partida,—e teime em desvendar
os segredos de que é zeloso o imenso mar...

Com desespero

E tu persistes... Tu não ouves, meu amor,
aquilo que se diz!...

VASCO

Cumpro do meu senhor
e rei quanto me ordena. Assim faço, assim fiz
e sempre assim farei... Aquilo que se diz
não passa duma lenda ingenua,—certamente
criada por alguem que não sentiu nem sente
a voz da nossa Raça, aqui, dentro do peito,
a gritar: — «E' mentira!... E tu, segue a direito
o teu caminho... Segue e volta, duma vez
bradando a todo o mundo o nome português,
envolto com o teu nome!...»

D. CATARINA

Ouve-me!... Santo Deus.
Não delires... escuta:—O que mais dar aos teus;
aos nossos filhos, Vasco, além do nome honrado
que já teem!?... Que mais?

VASCO—*impassivel e altivo:*

O mesmo, consagrado
e mais nobre; tocando as alturas da gloria;
traçado, firmemente. em paginas da Historia!

Pausa. Noutro tom:

Quanto te quero sei... Tu sábe-lo tambem.
Mas acima de nós, do nosso amor,—alguem
mais alto vive; alguem mais alto por mim chama!
Não! nunca se dirá que ouviu Vasco da Gama
a voz de Portugal e, por amor de ti,
— minha mulher — ficou mudo e sereno aqui,
deixando de cumprir o que essa voz lhe ordena.

Com ternura, tentando serena-la:

Não é maior que a minha a tua grande pena!

D. CATARINA—*com amargura:*

Oh! meu amor!...

VASCO—*no mesmo tom:*

Não é... Tu sabes bem que não!..
Mas antes me pedir alguem o coração,
do que a minha refusa ás ordens que d'el-rei,
honrado, recebi.

Tentando infiltrar-lhe confiança:

De resto, já falei
com mestre Abrahão Zacuto, e aquele bom judeu
de muito me serviu:—bons informes me deu
das Indias que pretendo e que hei-de descobrir.

Docemente, prendendo-lhe as mãos, olhando-a nos olhos:

Quem te disse, quem foi. que é morrer o partir?...
Mezes?... Anos, talvez, d'apartamento? E então!?..
Não fica no teu peito o mesmo coração
e o mesmo coração não vai no peito meu?
A distancia!?... Qu'importa? Acaso o mesmo céu
não cobre a todos nós?... Acaso a mesma luz
na vida nos não guia?

Pausa. Vendo que ela se começa conformando:

Olha: morreu na Cruz,
sorrindo, o Nazareno!...

D. CATARINA—*num ultimo lance de tortura:*

Eu sei, meu Deus!... Eu sei...

Noutro tom, pretendendo ser energica:

Vai, Vasco... Vai cumprir o que te manda el-rei,
e o que te ordena a voz do nosso Portugal!...
Eu era tonta... vai. Vai, meu amor!... Fatal
não há-de querer Deus que seja a tua empresa,
e eu rezarei por ti com alma portuguesa...
Hei-de secar o pranto... Hei-de afogar a dôr!.

VASCO—*com ternura, enlaçando-a pela cintura; acompanhando-a até á porta:*

Iluminou-te Deus:

D. CATARINA—*envolvendo-o num doce olhar:*

Iluminou-me o amor!

Sai.

SCENA QUARTA

Vasco da Gama, Paulo da Gama, Nicolau Coelho Pero d'Alemquer, João de Coimbra, Pedro de Escobar e Frei Pedro da Covilhã

PAULO—*a Vasco, entrando:*

Buscando-vos, senhor irmão, já quasi andei
por toda a parte.

VASCO

E então... que é que se passa?

PAULO

El-rei
que não deve tardar, e cheguei a temer
que não vos encontrasse...

VASCO—*com rudeza:*

Haveis de sempre ver
como ora vistes, que eu, senhor irmão, não sei
faltar ao que prometo. Outras vezes terei,
—certo estou—de cumprir minha palavra, e então,
repito-vos,—como hoje aqui, senhor irmão,
sempre me haveis de ver o primeiro a chegar,
como o primeiro a bem cumprir a lei e a dar
exemplos.

TEATRO SÃO LUIZ
— Companhia de opereta —
ARMANDO VASCONCELOS
HOJE festa de homenagem a
Gago Coutinho e Sacadura Cabral
Saudação de toda a companhia
A festejada opereta italiana
MISS ISSIPI
Protagonista: Ausenda de Oliveira

NACIONAL Telef. N. 3049
ÁS 21,30 HORAS
HOJE — A notavel peça de costumes
— historicos de Macelino Mesquita —
PERALTAS E SÉCIAS
Admiravel conjunto de desempenho
Montagem scenica de grande brilhantismo
Brevemente:
a peça de D. João da Camara OS VELHOS
Em ensaios:
O LEQUE DE LADY MARGARIDA, peça de Oscar Wild, versão livre de Julio Dantas

TEATRO DE S. CARLOS
Telef. 5063 Central
COMPANHIA BERTA DE BIVAR — ALVES DA CUNHA
Direcção artistica de CARLOS SANTOS
HOJE — SABADO, 4 — HOJE
A peça de monumental sucesso
VASCO DA GAMA
Em 25 do corrente:
FESTA ARTISTICA do notavel actor
ALVES DA CUNHA
A 1.ª representação de "A FERA".
BILHETES Á VENDA

EDEN-Teatro
TELEF. N. 3800 A'S 21,15
HOJE
A pedido do publico
— Um espectaculo desopilante —
Mais uma representação extraordinaria da peça policial
O CRIME DO COCHICHO
Três actos de grande interesse e verdadeira emoção
A noite mais alegre de Lisboa

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Carta particular a vocês todos

Meus caros amigos:

Deixo Lisboa. E entregovo-la. Entrego-a aos vossos cuidados, aos vossos carinhos, á vossa ternura. A' vossa ternura, sim. Vocês, como eu, têm por Lisboa uma ternura inexplicavel, mas por isso mesmo, profunda.

Vocês, como eu, não gostam de Lisboa, pelo que ela é. Gostam de Lisboa, pelo que ela finge.

E Lisboa finge de muita coisa—finge de «chic», finge de intelectual, finge de rica—finge de capital.

Lisboa não é capital de coisa nenhuma. O país não lhe tem respeito e a Europa não acredita nela.

Lisboa vive uma civilização de «films». Os homens orientam-se pelos «films» americanos. As mulheres pelos italianos. Mas nem os «yankees» os ensinam a ter musculos, nem os italianos as ensinam a estilizar suas graças.

Eles aproveitam o chapeu de aba larga, a correia nas calças e uma atitude formidavel de «cow-boy» quando vão tomar o chá das 5. *Elas, o colear de ombros e o sensualismo ritmico dos quadris, e atravessam com ares de rainha e modos fatais de mulher fatal—os Armazens Grandela.*

Meus amigos: se vocês puderem, se, durante a minha ausencia algum de vocês subir a ministro de instrução publica ou a empresario do Condes—reformem o cinema! O «cine» está dando cabo de 7 seculos de virtudes.

Depois as casas de chá, meus amigos, as casas de chá. Vigiem-nas, transformem-nas, civilizem-nas. O chá foi sempre uma bebida dissolvente e corrosiva. Mas agora, e em Lisboa, mais do que nunca.

Fui despedir-me da Garrett, ontem. Por amor de Deus: digam áqueles senhores que sejam menos funebres e áquelas senhoras que sejam menos pródigas. Mal entrei, ao arrastar ruidosamente uma cadeira, senti em cima de mim uns olhares ferozmente despertos do seu compungimento, que me faziam repreensivamente—shiu!... *Defronte de mim, uma mulher quasi bonita—as frequentadoras das casas de chá pertencem quasi todas á categoria das* quasi bonitas...—*adoçava-me, amavelmente, o chá acido, com os seus olhares.*

Nas casas de chá de Lisboa ha sempre, defronte de nós, uma senhora com olhares mais ternos do que paralelipipedos de açucar.

Ensinem, meus caros amigos, a todas as nossas amigas, que o pudor é a mais linda coqueterie.

Descongestionem as portas das livrarias, onde é chic *estar de costas voltadas para os* vient de paraître *e convençam os nossos presados amigos literatos de que a literatura é cada um em sua casa, com a sua mulher e os seus filhos.*

Meus amigos: deixo-vos Lisboa. Civilizem-na. Eduquem-na. E conquistem-na. Tomem-na de assalto da Portugalia *até ao Terreiro do Paço. Sejam ministros—e substituam o sexteto da Garrett. Só o actual ministerio fornece larga copia de rabecões...*

Inundem-na de livros, de exposições, de conferencias. Ensinem-na a ser intelectual, sem ser snob, *a ser elegante sem ser preciosa, a ser gentil sem ser afectada. Lisboa merece-vos tudo. É doidivanas, mas é linda.*

E que quando eu volte, de ao pé do mar, o meu querido mar filososo, eu não vos encontre no mesmo sitio em que vos deixei, aquele lugar que o lisboetá do Chiado costuma ter marcado, adquirido para a sua barraca, como as vendedeiras na praça da Figueira.

Quando quizerem alguma coisa de mim escrevam para a borda de agua ao

Afonso de Bragança

A cronica que acima publicamos escreveu-a Afonso de Bragança na vespera da sua partida para o Sanatorio de Manteigas.

A LISTA MONARQUICA

Pede-nos o sr. dr. Mario Monteiro que declaremos não ser ele, mas sim o seu ilustre colega no fôro, sr. dr. Mario Augusto de Miranda Monteiro, o candidato apresentado pelos monarquicos nas proximas eleições municipais.

MAQUINA PARA COPIAR

Vende-se uma *Ciclostyle*, nova, em boas condições. Carta a este jornal a João Veiga.

O REGRESSO DOS AVIADORES

O "RAOUT"

DE ONTEM

NA CAMARA MUNICIPAL

O *raout* oferecido ontem pela Camara Municpal aos aviadores, já os jornais da manhã disseram hoje o que ele foi, vista toda aquela *feerie* de luz, de côr e de entusiasmo, na sua grandiosidade de conjunto. A nós cabem-nos, agora, os detalhes, os permenores que se surpreende, um olhar que se intercepta, uma apreciação que se fixa no deambular da assistencia.

No salão nobre: lá em cima, como dois reus que assistissem num tribunal ao julgamento de causa propria, Gago Coutinho e Sacadura Cabral vão trocando frases em voz baixa, vão segredando comentarios, vão cambiando impressões o sr. dr. Alberto Vidal no meio deles, a fazer de balisa. Miguel Bombarda, Fernandes Tomás, José Estevam, Passos Manuel, Alexandre Herculano, Candido Reis e Marquez de Pombal estão tambem, em tela,—este ultimo entretido a ver a planta da cidade, o almirante furado á bala desde que ha tempos, no *14 de maio*, uma revolução o feriu.

Gago Coutinho, a espaços, acompanha a orquestra tocando nos dedos da mão esquerda como no teclado dum piano.

Senhoras bonitas, formosuras de perturbar, *toilettes* de rigor, um perfeito jardim em que os bustos das mulheres põem manchas lindas de flôres.

* * *

Eduardo Brazão e Ilda Stichini, a um lado, parecem pai e filha enlevados na ternura dum dialogo intimo.—O *Bibliotecario* e a «Mariquinhas» do *Centenario*, muito juntos e muito amigos, como se fossem familia—

O sr. João Carlos Marques, cá fóra, ao cimo da escadaria—uma sobrecasaca ancha a envolvê-lo, as barbas tratadas com geito de imponencia.—Fala de Sacadura Cabral e fala de mulheres:

—Ai; não! Brinca! Ele sempre assim foi. Aquilo é levado da breca!

—Conhece-o pessoalmente?

—Conheço. Ainda ha pouco eu lhe dizia: Você... e tal... hein...!

E seguiu para outro grupo, bem disposto, a pôr alegria em tudo e em todos.

* * *

Numa sala, depois da ceia: Discute-se politica, fazem-se brindes entusiastas; ha *champagne* nas taças e ha gargalhadas clamorosas a rubricar as frases julgadas de espirito.

—Fóra a vereação monarquica!—exclama um homem de pêra preta.

—Fóra! Secundam os outros em côro, contentes todos da uniformidade de vistas que os juntou. Os estudantes metem blagues nas conversas, associam-se a todos os entusiasmos, discursam a todos os cantos a eloquencia alegre da mocidade.

* * *

Noutra sala: o jornalista está presente, mas não lhe conhecem a qualidade. E um homem a discursas, quasi em grita porque ao mesmo tempo discursam mais quatro tambem:

—A imprensa tem feito uma campanha de calunias contra a vereação. E V. Ex.ª sabe, sr. Fitas, que isto é assim.

Dá-se razão ao orador. O auditorio acha que sim, que a imprensa tem sido má para os edis.

E o sr. Fitas, um bigode sobremaneira cabeludo a pesar-lhe no labio:

—Apoiado! Posso garantir a V. Ex.ª que houve criaturas que ofereceram dezenas de contos para comprar a vereação.

—Mas não a compraram, orgulhavam-se os assistentes.

* * *

Depois, foi o baile até de madrugada.

Aqui, só vimos de notavel a elegancia do sr. Ulrico de Magalhães. O cabelo, intenso durante tantos anos, fôra cortado a primôr; as botas, outr'ora cambadas, substituiram-nas uns sapatos chics; e vestia casaca, e estava de tal maneira transformado que nem ele proprio—como confessou—tinha a certeza de que era ainda o mesmo.

UMA QUESTÃO VELHA

A valorização dos navios dos T. M. E.

Onde se discorda do caminho trilhado pela Comissão Liquidataria

A velha questão dos T. M. E. parece ter entrado no caminho duma rapida solução, realizando-se a passagem dos navios para companhias particulares, medida discutida apaixonadamente, na ultima sessão legislativa por todos os lados da Camara.

Um dos pontos que mais reparos mereceu foi aquele que tratava da valorização a dar aos navios, pois parecia indicado que a efectivação desta medida fôsse rodeada de toda a ponderação e da maxima isenção da parte de quem por lei foi incumbido de a pôr em pratica.

Alguem que conhece o assunto, sem contudo ter dentro dêle qualquer interesse, a não ser o de bem servir o país, trocou hoje algumas impressões com um redactor do *Diario de Lisboa:*

—A valorização dos navios devia ser rodeada de todo o caracter oficial, para que ninguem pudesse supôr parcialidades que, dado o melindre da questão, podem levantar celeuma nas camaras.

Noticiaram, porém, os jornais a nomeação de dois tecnicos escolhidos nas estações oficiais. Sem querer sequer pôr em duvida a competencia tecnica dos escolhidos, parece-nos que não seria êsse talvez o caminho mais acertado.

—Qual será então?

—O valor dos navios esteve sempre dependente da cotação mundial que corresponde a umas tantas libras por cada tonelada-navio, segundo a classificação obtida junto de entidades internacionais, oficialmente reconhecidas, como o Lloyd, Veritas, etc. E' segundo essa classificação, que nos diversos portos estrangeiros é ou não permitido carregar determinadas cargas ou passageiros. E' por essa classificação que estão estipulados os premios das varias companhias de seguros e é ainda segundo essa classificação que é cotado o valor de cada tonelada navio.

—Nesse caso...

—A avaliação feita por dois engenheiros, embora distintissimos, não invalida esta conclusão: O Estado tem 40 navios sem classificação junto de qualquer entidade internacional, oficialmente reconhecida, e a sua cotação sómente pode ser comparada á dos navios não classificados, cujo valor pouco mais é do que sucata,

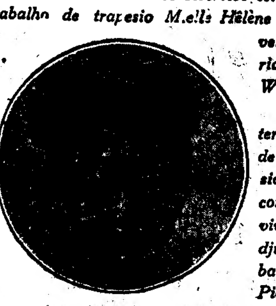
E, a fechar a conversa:

—E' muito natural que esta medida tomada pela Comissão Liquidataria faça de novo apaixonar varios espiritos, por ter este assunto decorrido uma atmosfera de suspeições e daí nascerá talvez a convicção de que a Comissão Liquidataria não foi muito feliz na escolha do caminho.

Os Teatros

Hélène Walter

No espectaculo de moda que depois de ámanhã se realiza no Coliseu dos Recreios estreia-se num excelente trabalho de trapesio M.elle Hélène Walter, a filha mais velha do popular e querido «clown» Little Walter.



M.elle Hélène Walter, dezesete anos cheios de alegria e de graciosidade, vai por certo conquistar entre nós vivas simpatias. Coadjuva-a nos seus trabalhos a pequenina Pierrette Walter. O resto do programa do espectaculo de segunda-feira é composto por todas as atracções da grande companhia de circo.

«Os Velhos», no Nacional

Está anunciada para a proxima quarta ou quinta-feira, no Nacional, a «reprise» de uma das mais lindas peças do seu velho e soberbo repertorio: «Os Velhos», de D. João da Camara. A necessidade imperiosa de fazer reviver esse repertorio, impõe a saida de scena, em pleno exito, da peça de Marcelino Mesquita «Peraltas e Secias», sendo a distribuição de «Os Velhos», a seguinte:

«Emilia», Maria Pia; «Ana», Palmira Torres; «Narcisa», Laura Hirsch; «Emilinha», Laura Cruz; «Manuel Patacas», Augusto de Melo; «Prior», João Lopes; «Bento», Joaquim Costa; «Porfirio», Antonio Nascimento e «Julio», Luís Pinto.

A acção da peça passa-se em Santo Antonio das Areias, nos anos de 1878-1879.

Atrás do reposteiro

A peça «O leque de Lady Margarida», em ensaios no Nacional, deve subir á scena, possivelmente, no dia 16 do corrente. As «toilettes» que a actriz-estreiante Maria de Vasconcelos exibirá nesta peça estão sendo confeccionadas na Casa Chamusco e custarão mais de dez contos.

— A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro faz hoje a sua reaparição no Politeama com a peça «A dama das Camelias».

— Neste teatro realiza depois de ámanhã um concerto unico o pianista francês Marius François Gaillard, de regresso da Argentina, Montevideu e Brasil.

— Está de novo em Lisboa o empresario Rocha Brito ligado a varias empresas teatrais de Lisboa e Porto.

— Dá-se como positiva a conclusão de um negocio teatral, segundo o qual a actual companhia que está funcionando no Eden-Teatro terminará os seus espectaculos em 10 de Dezembro, partindo para uma larga «tournée» pelo país, Porto e ilhas, sendo substituida por outra, de revistas, organizada pelo sr. Antonio de Macedo, com elementos artisticos da companhia italiana que esteve ha pouco no Coliseu dos Recreios.

— O actor Carlos Leal, indicado para fazer parte deste clenco, ainda não deu resposta definitiva, porquanto não desistiu de organizar uma companhia, para o que tem capitalista, elementos artisticos e até possibilidade numa magnifica casa de espectaculos.

— A «tournée» da companhia Armando de Vasconcelos á Galiza será feita de combinação entre este artista e o empresario Fraga, ultimamente tão discutido em Espanha.

— A actual companhia do Eden-Teatro montará ainda ali as peça «O Tratado Secreto» e «Comboio n.º 6».

— Até ao final do mês corrente, o Nacional deve ter devidamente remontadas varias peças, entre elas, «D. Cezar de Bazan», com Rafael Marques no protogonista.

—A bordo do paquete «Pedro Nunes», chegou hoje a Lisboa, de regresso do Brasil, o actor João Calazans, que fez parte da «tournée» Lucinda Simões, que se encontra actualmente em Santos, com grande sucesso.

Gabriel Signoret

partiu hoje, no «sud-express», para o Porto

Partiu hoje, no *sud-express*, para o Porto, onde vai dar uma série de recitas com os demais artistas que fazem parte da *tournée*, o ilustre actor Gabriel Signoret. Acompanham-no, além de sua esposa, o empresario Rotkoff, madame Rotkoff, e M.elles: Germaine Baron, Mirvalle, e Micheline May.

A despedir-se estiveram na estação muitos artistas, escritores, e jornalistas, entre eles: as sr.as D. Amelia e D. Maria Rey Colaço, os srs. André Brun, Augusto Pina, Macedo e Brito, Luis Pereira, Robles Monteiro, Henrique de Albuquerque, Avelino de Almeida, Mario Duarte, dr. Luis Macieira, Jorge d'Outiz, etc.

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º

TELEF. C. 1196

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

UM JORNALISTA QUE DESAPARECE

Afonso de Bragança

morreu ontem no Porto

A saudade dos seus camaradas do "Diario de Lisboa"

Quando — faz hoje oito dias á hora em que escrevo — deixámos o quarto de Afonso de Bragança, Afonso de Bragança já estava morto. A clareira ampla e luminosa do seu espirito já estava cerrada. A linha vibratil e orgulhosa do seu tipo desdenhoso estava pendida, inerte, como a fibra de arvore perfumada a que o vento levou perfume e seiva. Agarrado á Vida, na esperança definitiva, ultima rosa da ilusão que desponta no peito arquejante dos principes condenados, Afonso de Bragança olhava-nos, cheio de ternura, cheio de agradecimento, cheio da felicidade do sol que numa nesga viera naquele dia, e confessava, mal ouvida a sua voz, não debil, mas distante, mas longinqua, mas noutro lugar, como se viesse já do fundo de um sarcofago muito bem fechado:

— Eu não tenho nada nos pulmões... Isto é estomago e intestinos.. Vou-me levantar... daqui a pouco, e logo que tenha mais fôrças... vou para Lisboa... com a minha Mãe. Agora. . nunca mais deixo a minha Mãe...

Dizia estas cousas aos poucos, aos arrancos de palavras mortiças, com luz indecisa de alampada que se se lhe sopra muito para se animar corre o risco de se apagar de todo...

Só a Vida o preocupava. Nem scentelha de espirito, nem atomo de interesse pelo mundo dos outros. Nem um pósinho de beleza na sua imaginação, mal um vislumbre da sua ironia impecavel e mestra, mal uma fresta da scintilação inegualada e inegualavel da sua maneira descuidosa. Ainda balbuciou:

— De manhãsinha... ás sete... quando vem o sol... acordo de não ter dormido.

— E pensas muito de noite?... preguntamos.

— Não penso nada. Não sei o que é imaginar. Estou — bem vêem — muito fraco...

Seus olhos fundos, que vistos a meia luz davam a impressão de orbitas vasias, suas orelhas salientes, o seu nariz afilado como nunca — monoculo sobre a mesinha ao lado dum frasco triste — labios mortos, expressão morta lavada de suor, caíndo, gotejando, envolvendo-o todo como um desespero—Afonso de Bragança, o espirito mais luminoso e heroico do jornalismo português dos nossos tempos, e sei lá se dos tempos dos outros, não era cadaver mas já estava morto. A carne já é bem pouco e o seu corpo já nem carne era.

Quando nos despedimos — como nos despedimos os três! — disse que ficava feliz de nos ter visto e ficou imerso entre as roupas humidas, o vacuo da sua vida, e uma frieza, gelada que vinha agora do tempo, que se fizera tempestade, e dos silencios multiplicados que andam no ar e filtram humidade nestas horas tragicas.

Na rua recordavamos aquele que já não existia, e parece que o viamos, desdenhoso e magro, olhando as cousas de banda, o monoculo muito seguro do seu titulo, flôr altiva e sensitiva da estirpe rara dos predestinados das letras — passar junto de nós.

***

Os jornais de hoje dizem a respeito desse moço—que se perdeu a si mesmo, como algumas mulheres lindas á força de beleza se perdem no tumulto, entre a saudade de um amante e um ramo de rosas de uma vizinha—dizem tudo quanto é justo que se dissesse.

Ficar-nos-ia pouco para dizer se estes homens, que não passam da idade infantil em que apenas se imagina mas não se pensa, não fossem os homens eternos que não morrem nunca, e se a sua individualidade, humilde de teres e de titulos, apagada de aspirações terrenas, e discreta como uma sombra clara, não tivesse para nos animar a saudade uma perspectiva enorme, feita de doçura e de admiração, dentro da qual á vontade a nossa pena encontra relevo, descobre encantos, vai topar supostas ineditas sensibilidades que nos obrigam a falar dela.

Afonso de Bragança era um romantico. Era um poeta. Era um idealista. Todos dirão que não, e ele proprio se negava, na covardia literaria que um estilo, feito na sua prosa contundente, critica, elegante, mordaz, espirituosa, obrigava a negar.

O seu desdem—afianço-o eu que o surpreendi varias vezes em minha casa e uma vez na Serra da Estrela, quando a tuberculose minando o corpo não tinha atingido a inteligencia, cristalina como um espelho lavado de agua correndo sempre—, o seu desdem fôra artificioso, de começo. Depois continuara a sê-lo, e o geito tornara-se em vicio, e o vicio em necessidade organica.

Acreditava em tudo quanto era belo, negando tudo quanto era belo. Negava a mulher, e tinha «a sua mulher», aquela mulher, que só se tem quando nunca se tem, aquela que foi inspiração da sua poesia, tão raramente talhada em beleza de fórma ingenua, e que termina numa desilusão, como a daqueles que esperam a gloria ainda na hora vencida da desgraça:

e ela não passa...
e ela não vem!...

Era um idealista, que se negava ideal, e parecia andar perdido da fé. Não acreditava em coisa alguma, porque não lhe fôra dado pelo destino seguir a sua róta. A impossibilidade da adaptação social fê-lo relapso. A sua decadencia fisica arrastou o seu sorriso de troça a tudo onde houvesse crença. Os bohemios acreditam apenas numa coisa: o acaso. Tanto pode ir dar á gloria, como á morte. Tocou-lhe esta: «pois, deixá-lo» — dizia-me no Sanatorio—«quando ela chegar, eu já cá estou, e o mais magro que puder ser...».

Perder a noite num club, vendo passar nos delirios dos «jazz-bands» mulheres equivocas que satirizava; estar á esquina da Brasileira, «deitado em pé», como dizia Victor Hugo de Combeferre, salpicando de pó de arroz do seu espirito as mulheres lindas que passavam; jantar com um amigo, indolentemente estendido sobre os sofás, causticando os consagrados das letras—era para ele a felicidade. Depois disto, nos ultimos dois anos, a noite alta vagueando pelas ruas, a odisseia nas duas ou três redacções comprando dinheiro por artigos vertiginosos, e sempre, sempre a vaga atracção de um sanatorio: a Guarda, a Gralheira, Manteigas, Montachique, um pouco a defender-se, sem coragem para se curar a valer, sem energia para deixar a ultima, talvez a primeira e unica sua amante fiel: a bohemia intelectual...

* * *

A' hora a que escrevo deve ter ido a enterrar esse que ao *Diario de Lisboa* emprestou, de começo, toda a sua mocidade, a sua tendencia contorcionista do jornalismo moderno, onde havia, a par dos propositados exageros para abrir caminho, a visão justa e afinada da imprensa como ela hoje deve ser, feita de claridade, notas de côr, de ideias persuasivas e de beleza. Como jornalista, incompleto, imperfeito, transviado, Afonso de Bragança sabia, comtudo, o que era jornalismo. Como literato, incipiente perdido, tal qual aquelas roseiras orientais que dão apenas um botão que enche de perfume o vergel para o resto do ano, Afonso de Bragança era uma gloriosa promessa fecunda, a que um espirito facil e descuidoso não consentia a esperança de uma obra de estante larga, regrada e norteada de intuitos fortes, mas na qual repousava um encanto invulgar, servido por qualidades e brilho de facetas imprevistas, que em mais ninguem se encontraram.

Recordo neste momento um magistral artigo de Justino de Montalvão, escrito ha cinco anos, intitulado *Jornalistas...*, onde passa toda a febre de profissão que mata antes de matar, e dentro do qual o escritor parnasiano sabe cantar a beleza de uma vida profissional que tem que acabar cedo, ou tem de se vender, para não acabar em desgraça. Estes desgraçados, em regra, morrem sem uma lagrima. Afonso de Bragança foi feliz.

Abandonado de tudo e de todos, do mundo e da gloria, dos livros e das flôres, teve na hora ultima as lagrimas e o beijo de sua Mãe, a adoçar-lhe o minuto ultimo.

Que sobre a terra, que o cobre, mãe eterna, desabrochem daqui a bocado as flôres, ilusões que nunca se esgotam...

Norberto de Araujo

Conheci no «Diario Nacional», ao pobre Afonso de Bragança, nem sei bem ha quantos anos. Era ele, com Eduardo Metzner, outro sacrificado das letras, quem fazia naquele tempo a revisão do jornal.

Tinha vindo do Porto, e começava ali — ignorado ainda de todos; sem eira nem beira; o seu grande espirito a denunciar-se logo, mal o á vontade da conversa lhe fazia esquecer a condição de isolamento a que se remetera quasi votivamente — a peregrinação dolorosa que o levou depois ao fastigio da gloria profissional, e de que só o atirou agora para o apodrecimento do tumulo.

Como só o convivi nas horas de desamparo, não sei dele senão o seu sofrimento.

Teve fome algumas vezes, e fazia «blague» da desgraça em que se via; sorria sempre e sorria de tudo — era assim que ele comentava os incidentes bons e maus da vida — . Nunca o vi chorar, nem quando, a deshoras, aí pela cidade, mascarava de tedio a tortura de não ter tido ceia e a certeza de não ter de madrugada uma cama para se deitar.

Boemio? Sei lá! Se ele proprio nunca chegou a compreender-se, nem quando, já a morte a esfriar-lhe o cerebro, queria ainda convencer-se, e convencer a gente, de qua entrára alfim, salvo de vez, na convalescençe segura do seu mal!

Aprigio Mafra

A morte de Afonso de Bragança, meu companheiro querido de trabalho desde *O Jornal* de Joaquim Madureira, ensombra-me o pensamento e a alma. Em todo o caso, eu quero dizer áqueles que hoje alcunham de boemio incorrigivel o desventurado ontem isento da vida que a causa principal da sua doença pode definir-se deste modo: a sua existencia desabou porque ele tinha talento de mais e proventos de menos.

E' o fim de todos aqueles que não usam do muito que valem para se instalar confortadamente no mundo, embora tenham de dar um encontrão no visinho do lado.

Sarmento Duque

O Porto é uma desilusão. Quem vai de Lisboa e desembarca em S. Bento, num dia de chuva—daquela chuva miudinha de que o Porto tirou patente de invenção—não pode deixar de o considerar uma cidade triste.

E foi com esta impressão desoladora a oprimir-nos o peito que subimos á rua da Fabrica, onde morava o Afonso de Bragança e onde a luz scintilante do seu espirito se apagou para sempre, a cara muito palida recostada sôbre almofadas e o brilho do olhar mortiço, a noivar ainda uma réstea de sol que queria entrar pela janela.

—Vocês vieram dar-me uma grande alegria...

A sua voz já saía a custo da garganta. E ainda tinha uma esperança dentro do peito. Como os naufragos que se agarram tragicamente a uma tábua de salvação, o Afonso de Bragança vivia apenas para essa esperança. Morreu com a esperança á florir na sua alma, a noivar aquela ilusão de viver, como quem vai de braço dado com uma noiva linda.

Mas—ai!—a Igreja era o cemiterio, onde o seu corpo a esta hora se cobre de gôtas de orvalho, tão geladas como a morte que se abeirou do seu leito. O Afonso de Bragança andava já a noivar a morte e ainda acreditava na Vida.

E não será uma Providencia morrer com esperança? Não será um bem saír da Vida como quem entra dentro duma grande catedral iluminada, onde os lumes dos altares falam de outra vida?

O Afonso de Bragança morreu, mas aqui dentro o seu espirito vive ainda, está comnosco, falamos-lhe, ouvimos a sua *blague* descuidada, elegante, vêmos o seu monóculo a sorrir, a brincar, a não tomar a vida a sério. Este gabinetesinho humilde de grilheta guardará para sempre a recordação do seu monóculo.

Norberto Lopes.

Afonso de Bragança passou por mim na estrada larga do jornalismo, onde ha logar para todos, com o chapeu na cabeça, o seu sorriso já cansado de ironia, o seu monoculo cravado na orbita á procura duma *boutade*. Desbarretei-me, com esta sinceridade que é apanagio dos simples que não têm orgulho, com a admiração que se deve ter por um camarada mais velho. Afonso de Bragança não gostou. Mas nem por isso o deixei de lêr, com aquele cuidado meticuloso que se deve ter por quem, como ele, mergulhou a pena em tinta diferente, daquela com que escrevo.

Afonso Bragança morreu! Não me arrependo de lhe ter tirado o chapeu. Foi uma homenagem.

Hoje, no silencio inviolavel da minha alma, fiz justiça á sua obra. Não foi a morte que o engrandeceu aos meus olhos. Não! Foi a dôr de toda a sua vida. Foi o seu orgulho em se mostrar tão forte a todos nós, nas paginas ironicas, perversas, mais floridas que todas as flôres de elogio que lhe possam deitar sobre a sua mascara, das cronicas ora recolhidas nas *Amostras sem valor.*

Artur Portela

Chegou nova remessa de LLOMOS

UNICOS AGENTES

Vasco Carmo, Limitada

T. DO CORPO SANTO, 21—LISBOA

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (caşa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO —SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

CALÇADO BARATO só o vende o CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do chafariz)

Sapatos em calf para senhora	14$50	Botas em vitela preta para senhora	28$00
» » preto de 1.ª	26$00	Botas em vitela nacional para homem	29$00
» vitela, salto razo	23$00	Botas em vitela branca, forradas de carneira	24$00
» verniz, salto sola	30$00		
Botas em calf preto, 2 solas, 1.ª	35$00		
Botas «double» gáspia, para homem	38$00		

Visitai as nossas novas secções de fanqueiro, retrozeiro, modas, camisaria e rouparia, o que vendemos a preços extraordinariamente baratos.

Ao Candeias! Ao Candeias!

BOAS MOBILIAS

Antiga marcenaria do Desterro

Exposição permanente para venda directa ao publico por preços do fabricante e seu proprietario

Manuel Filipe da Silva Junior

Variado sortimento de mobilias em todos os generos, o que se fabrica de mais solido confortavel e chic.

Mobiliario no sistema americano para casas bancarias, escritorios comerciais, etc.

Maples cobertos em pele verdadeira de varias côres

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Uma visita a titulo de curiosidade e confron

Rua do Desterro, 17 a 29

ELECTRICIDADE PORTATIL

Lampadas d'algibeira, Bastões, Tarches, Lanternas para trazer na mão. Pilhas e baterias

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO — *Rua Augusta, 72 e 74* LISBOA

Esta casa é incontestavelmente a mais bem fornecida

LOTERIA DO NATAL

22 de Dezembro de 1922

Premio maior 1.000:000$00

MIL CONTOS

A' venda: bilhetes, meios, quartos, quintos, decimos, vigesimos e quadragesimos.

SEMPRE SORTES GRANDES

na casa

D. E. Gouveia & Silva, suc.

Manuel Alves da Silva Neves

84, RUA DA ASSUNÇÃO, 86

(proximo á Rua do Ouro)

A CURA DO HEMORROIDAL PELA

"HADENSA"

Preparado scientifico alemão recomendado por todos os medicos

Vende-se nas boas pharmacias

DEPOSITO GERAL:

MATTOS, CALLEYA & C.ª L.da

69, Rua do Carmo

LISBOA

MOBILIAS E ESTOFOS

30 a 40 0|0 mais barato

Por conta do fabricante

Grande sortido de luxuosas mobilias em diversos estilos

Salas com «cosi-corner»

Escritorios em pau santo

SALAS DE JANTAR

Quartos, «maples», carpetes, passadeiras e oleados

TELEFONE N. 2142

Fulgencio & Albuquerque, L.da

Rua de Passos Manuel, 46 e 48

CARTOMANTE

ESPIRITA JAPONEZA

CONSULTAI este fenomeno, pois só ela possui verdadeiro poder para dar a felicidade, garante ser ela a unica e verdadeira espiritista em Portugal, até hoje não tem rival, alcança tudo por mais dificil que seja, assim como bons casamentos, reconcilia amores mal correspondidos e trata de mal oculto, vende bons talismans para sorte. — Trata com rapidez e seriedade. — Enviar nome e 3 escudos a **LADURETH, Caminho do Forno Tijolo, 28, r/c., E.**, das 11 ás 6. — Carro da Graça.

RAPOZAS

E toda a classe de peles, curte por processos modernos (qualquer quantidade). Tinge em todos os tons, côres inalteraveis. Limpa com a maxima perfeição. Confecciona e transforma pelos ultimos modelos. Tinturaria de fazendas. Preparação de mamiferos, aves, cabeças e meias cabeças para tapetes. Trabalhos perfeitos e garantidos. Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, Ltd. Fabrica em Benfica. Escritorio, 49, rua das Pretas, 2.° (Esquina da Avenida).

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A POLITICA TURCA

A OCUPAÇÃO da Tracia Oriental

é uma completa violação aos termos do Tratado de Mudania

O IMPORTANTE DISCURSO DE CHAKIR BEY E A IMPRENSA INGLESA

LONDRES, •

No discurso pronunciado por Chakir Bey, em Andrinopla, por ocasião da sua proclamação como governador daquela cidade, disse que a gendarmeria turca, estabelecida pela Convenção de Mudania, não era suficiente para aocupação da Thracia Oriental, tencionando, por isso, proceder a um recrutamento especial.

A imprensa londrina, comentando este discurso, pretende que esta acção é uma completa violação á letra da Convenção de Mudania, que estipulava claramente que o numero maximo de gendarmes que era permitido aos turcos enviarem para a Thracia Oriental não podia, em caso nenhum, *ultrapassar 8.000 homens.*

Os meios politicos londrinos tambem são de opinião que os aliados não podem permitir aos turcos essa manifesta rebelião contra as clausulas da Convenção.

As intenções turcas e o governo francês

O governo francês comunicou ás potencias aliadas o seu modo de ver relativo ás intenções turcas, de aumentar, por meio de recrutamento, a gendarmeria no territorio da Thracia Oriental, encontrando-se perfeitamente de acordo com a opinião do governo britanico. Nesse sentido foi enviada ao governo turco uma nota da *Entente*, lembrando energicamente as clausulas da Convenção de Mudania.—(L. A.)

A administração de Chorlu

CONSTANTINOPLA, 4

Cumprindo as clausulas da Convenção de Mudania, já foi entregue ás autoridades turcas, pelos aliados, a administração de Chorlu, na Thracia Oriental.

E' a primeira parte do territorio da Thracia Oriental, cedido aos turcos segundo a Conferencia de Mudania, que lhes é entregue.—(L. A.)

Um desmentido

CONSTANTINOPLA, 4

Está oficialmente desmentida a noticia, segundo a qual, os turcos teriam assassinado 13 franceses na cidade de Andrinopla.—(L. A.)

POLITEAMA

EMPRESA L. PEREIRA — TELEFONE N. 3028

SEGUNDA-FEIRA, 6

CONCERTO UNICO, pelo insigne pianista

MARIUS FRANÇOIS GUILLARD

(musica moderna francesa)

I PARTE — **Suite Bergamasque; Childrens' Corner-Debussy.**

II PARTE — **Saudade do Brasil; Darius Milhaud.**

III PARTE — **12 preludios; Debussy.**

BILHETES DESDE JÁ Á VENDA

TEATRO SALÃO FOZ

ás 21,30

O José do Egito

FARÇA

3 ACTOS DE GARGALHADA

AS ELEIÇÕES EM INGLATERRA

LLOYD GEORGE vendeu titulos e insignias?

Um barão por 35.000 libras e 12.000 por um grau de cavaleiro?

Blague ou não, eis a noticia como a dão alguns jornais de Londres e outros franceses traduzem. Que isto de politica, se não é precisamente a mesma coisa por toda a parte, apresenta pelo menos um cento numero de caracteres gerais, pelo menos no que diz respeito ás lutas de partidos.

Trata-se do negocio que se fez em Inglaterra, com os titulos; segundo noticiam jornais como o *Morning Post* e o *Matin*, é uma transacção tão corrente que faz lembrar certas passagens dos romances de Camilo, em que os merceeiros e os regedores levavam a vida a juntar os trezentos mil réis com que haviam de comprar o grau de comendador ou de barão.

Aqui porém, ha uma diferença: é que o governo é que anda á procura dos comerciantes a quem oferecer honras como qualquer mercador.

* * *

Conta-se por um exemplo que um importante mercador da *city*, cujo nome é guardado em segredo, recebeu no dia 21 de abril passado uma carta cujos termos transcrevemos por julgarmos interessante o misterio que envolve as suas palavras:

Em nome dum certo departamento do governo, tenho a fazer-lhe uma proposta. E' uma questão que só a si diz respeito. Sinto muito não lhe poder dar mais detalhes nesta carta mas tenho a certeza de que isto o interessará muito. Irei vê-lo, ás 11 h. 30, quarta ou quinta-feira, mas peço-lhe que me faça saber antes se o encontro a essa hora.

Robert Wells

No dia 27 houve a combinada entrevista e o comerciante incognito, teve a surpresa da oferta dum titulo de cavaleiro por 12.000 libras ou de barão por 35.000!

E um pouco mais caro que nos romances de Camilo, mas emfim, tudo encareceu...

Em seguida Robert Wells deu as explicações necessarias para que a transacção pudesse efectivar-se:

O comerciante seria apresentado a uma alta personalidade de Downing Street ao qual entregaria acto continuo as 10.000 ou 35.000 libras conforme preferisse.

Outr'ora, informa ainda Robert Wells, quem se encarregava disso era Sir William Sutherland, mas agora talvez já não seja ele; quem o deve ter substituido é Mac Curdy.

Mas olhe, se prefere um titulo de barão terá de esperar um pouco mais, pela lista de saida do primeiro ministro (*retiriul list*), o qual póde nessa ocasião recompensar varias pessoas fazendo-lhe atribuir titulos...

* * *

Os jornais de onde tirámos esta noticia acrescentam que as cartas misteriosas em que se faziam estas ofertas, eram acompanhadas por um inquerito *aterrador*, no qual entre outras se fazia esta pregunta:

—O sr. é partidario do primeiro ministro?

O dito comerciante não aceitou a proposta.

Não pensamos que a historia seja verdadeira ou falsa, tanto mais que se dá este como um dos mil casos identicos que se deram na mesma ocasião. Sabemos apenas que estamos em vesperas de eleições; vai um escandalo enorme em Londres por via destas noticias; é um modo de propaganda contra o ex-primeiro ministro....

Collares Burgacas

VINHOS DE TIPO INALTERAVEL

SUCURSAL EM LISBOA RUA NOVA DA TRINDADE, 126 A 132 TELEFONE C. 2021

COLLARES — REMOCAGEM — PORTUGAL

FATOS BARATOS

No Rocio, n.º 93, 2.º, acaba de abrir o **DEPOSITO DA COVILHÃ**, onde o publico pode comprar fazendas de pura lã, recebidas directamente das nossas fabricas, por preços sem competencia.

CHEVIOTES para fato, 1 côrte de 3 metros por 36 escudos.

CASACOS para SENHORA desde 12 escudos o metro.

Antigo Hotel Continental

FAZENDAS DE LÃ PARA TODOS

POBRES

REMEDIADOS

RICOS

Todos devem preferir as casemiras dos DONAS da Covilhã porque são as melhores, as mais bonitas e os mais baratas. Só os fabricantes DONAS vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para fatos e vestidos, em todas as côres e em todos os padrões, por preços baratissimos ao alcance de todas as bolsas.

Depositos de vendas a retalho:

Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

No PORTO — Rua Fernandes Tomaz, 392-A

Gabardines impermeaveis (Inglesas) Vendem-se

Rua Augusta, 270, 3.º

Quereis poupar o calçado? Usae o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

Manuel Corvello de Avila Maciel

FALECEU

Lidio da Silva Corvello, sua mulher, filhos, mãe, irmã, netos e mais familia, participam aos seus parentes e ás pessoas de suas relações o falecimento de seu querido pai, sogro, esposo, irmão e avô, que o funeral se realiza amanhã, 5, ás 14 horas, saindo da calçada de Arroios, 67, 2.º, para o cemiterio oriental.

NOTICIAS DE PARIS

AOS VINHOS de origem portuguesa

vão ser aplicadas as disposições da lei de 6 de Maio

A LEI DAS 8 HORAS VAI MODIFICAR-SE NA MARINHA MERCANTE

PARIS, 4.

Na camara dos deputados o governo mandou para a mesa o projecto de lei de 1 de julho de 1922, que aplica aos vinhos e aos licores comprados ou vendidos com indicação de origem portuguesa as disposições previstas no artigo 12, da lei de 6 de maio, que organizou a fiscalização.—(H).

PARIS, 4.

A camara dos deputados concluiu a discussão das interpelações relativas ao decreto do sr. Rio, de 5 de setembro, que modifica a aplicação da lei das 8 horas na marinha mercante e aprovou por 368 votos contra 187 a ordem do dia de confiança ao governo para aplicar o decreto e proteger os inscritos que navegam nas condições do decreto.—(H.)

NO COLISEU DOS RECREIOS

Hoje um magnifico programa, ámanhã uma grandiosa «matinée»

Realiza-se ámanhã, no Coliseu dos Recreios, a segunda *matinée* desta temporada com um magnifico programa de circo dedicado ás crianças da capital, cuja entrada é gratuita para as que não ultrapassem a idade de dez anos. No programa de ámanhã entram todas as celebridades artisticas da companhia, fazendo os notaveis *clowns* Walter e Barracetas os mais engraçados intermedios comicos, que, para as crianças, constituem verdadeira alegria.

Hoje á noite efectua-se um magnifico espectaculo com um grandioso programa, sendo de esperar farta concorrencia em virtude do agrado e do entusiasmo que todos os numeros da companhia têm despertado.

POLITEAMA

EMPREZA LUIS PEREIRA

Telef. N. 3028 — A's 21,30

HOJE e ÁMANHÃ

C.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

A DAMA DAS CAMELIAS

com **PALMIRA BASTOS** na protagonista

A seguir: ROSA MARIA

Termina na segunda-feira o praso para a assinatura, para a epoca de inverno da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA sob a direcção do maestro Fão — Aberta, até ámanhã, a assinatura de preferencia para os antigos subscritores, para a serie de 10 concertos da TEMPORADA DE 1922-1923.

Teatro APOLO

HOJE: NUMEROS NOVOS

— DE —

PALPITANTE ATUALIDADE

Cigarro brejeiro, por Julieta Soares; *A Coradinha*, por Deolinda Sayal; *A menina estudiosa*, por Lina Demoel e *O Pastinhas Comissario*, por Aurelio Ribeiro

Coplas novas EM TODOS OS NUMEROS DA REVISTA FANTASIA

CIGARRO BREJEIRO

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

COMO PEDRO SEM...

PORTUGAL

ANTIGO SENHOR DO MAR

Vê-se actualmente quasi sem navios de guerra

Portugal, que vê a sua frota mercante reduzida, quasi aniquilada, nem já navios de guerra tem para a defender e para se defender.

A nossa marinha de guerra que foi alguma coisa de brilhante e de grande, que levou a todo o mundo a Cruz de Cristo triunfante, é hoje um vago fantasma que brilha apenas pela audacia heroica dos nossos marinheiros.

Ainda hoje os jornais dão a noticia de que o *Almirante Reis* foi dado como incapaz e de que é possivel que o *S. Gabriel* tenha o mesmo destino inglorio.

Procurámos saber, no ministerio da Marinha, o que ha de positivo sobre o assunto. Um distinto oficial que por acaso se achava ali, aguardando a chegada do ministro, prestou-se a dar-nos todos os esclarecimentos pedidos:

—E' realmente verdade ter o sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho, titular da pasta da marinha, ter ouvido o Conselho General da Armada sobre o parecer da Comissão que examinou o *S. Gabriel*, o *Almirante Reis* e o *Adamastor*.

—E então?

—A Comissão referida deu como absolutamente incapaz de qualquer serviço o *Almirante Reis*. A Comissão confirmou. Não valia a pena gastar mais dinheiro com tal *chaveco*...

—Já ha muito tempo que ele se encontrava neste estado?

—Já. A ultima vez que fez serviço foi na Divisão Naval durante a guerra. Depois, *pegou-se* e ficou para ai a apodrecer.

—Aprova, então, o parecer da Comissão?

—Aprovo. Lá fóra faz-se o mesmo. E assim, ainda se póde aproveitar muito material que vale hoje um dinheirão.

—O *Adamastor*?

—Esse, com umas reparações, que inda assim custam um bocado de dinheiro, inda póde ser eproveitado para navio-escola.

—E o *S. Gabriel*?

—Surgiu uma divergencia entre os almirantes.

—?

—Uns dizem que ele ainda merece concerto. Outros, pelo contrario, afirmam que não. O caso está entregue ao ministro. Mas estou convencido de que vencerão os primeiros.

—Quais foram as ultimas grandes viagens do *S. Gabriel*?

—Em 1919, á Italia; em 1920, á America, onde fomos assistir á festa comemorativa da incorporação do Estado do Maine nos Estados Unidos.

* * *

Que influencia póde ter esta decadencia do nosso destino? Parecendo que não, ela póde ser enorme. Sem navios, o povo português terá de voltar-se para a terra e, dentro dela, descobrir novas Indias, novos Brasis que o encham de oiro, de prosperidade, de grandeza.

A SUBIDA DA LIBRA

O GOVERNO

CEDEU OURO Á PRAÇA

afirma-nos o ministro das Finanças

200 mil libras

QUE SE COMPRARAM PARA PAGAR UM CARREGAMENTO DE TRIGO PERTURBAM A DIVIZA CAMBIAL

O sr. ministro das finanças apeou-se do automovel, ar apagado, uns enormes oculos de tartaruga, um pouco embaciados do fumo do charuto. O sr. Vitorino Guimarães só fala aos jornalistas ao subir as escadas do ministerio. Logo que vê aberta a porta do seu gabinete, as suas palavras fecham com um aperto de mão.

—Pode dizer-nos as razões porque peorou o cambio? Fala-se em especulação...

—Um pouco...

—Fala-se nalguns bancos..

—Uma coisa e outra. Quem o pode informar é a Inspecção Geral dos Cambios

—Mas, sr. ministro...

—O cambio depende da confiança que se tem no governo. Começou-se a falar em crise ministerial. Foi-se mais longe: alteração de ordem publica... Era de esperar...

—O governo não foi á praça comprar ouro?—digo ao sr Vitorino Guimarães, no meio do corredor do seu gabinete.

—Não! Pelo contrario. Diga que o cedeu á praça..

Olhando-nos um pouco distraido:

—Ante-ontem a libra desceu... Houve uma razão...

—Qual?—atalhamos.

Não respondeu o ministro, que se limitou a concluir a sua frase:

—... Mas ontem, não, Nem compreendo as razões.

—O que pensa fazer?

Muito vago, ou muito reservado:

—Não sei... Dum momento para o outro...

Visitámos hoje demoradamente algumas casas bancarias. A subida da libra é assunto obrigatorio. Fala-se tambem muito nas exportações, que estão quasi paralizadas. No Algarve os comerciantes assustados com as flutuações do cambio, evitam a saída dos produtos.

—Falta de confiança no governo—digo. Crise ministerial que se anuncia, influindo na divisa?

Alguem, muito autorisado, dizia-me:

—Pode ser! No entanto, o sr. Alvaro de Castro afirmou hoje num jornal da manhã: *é facto que a situação economica indica melhoria, mas a esse facto é inteiramente estranho o governo. Se êle em tal influisse, o cambio nunca iria para cima de 2, casa para onde foi durante o actual governo, que o encontrou na casa dos 4.*

—Quere dizer...

—Que foi na ocasião em que o ministerio do sr. Antonio Maria da Silva tinha nas mãos os orçamentos aprovados e as propostas de finanças, valores incalculaveis para a nossa reorganisação economica, que o cambio se desvalorisou...

—O governo não influiu portanto...

—Não! Desde que o Estado intervem na praça, nota-se que a uma melhoria passageira corresponde uma baixa.

—Aos especuladores se devem estas oscilações...

—Talvez... Mas ha banqueiros que não teem interesse algum nas variações de cambio, porque não sabem com quanto podem financiar as suas empresas...

—Acreditamos. Explica-nos, porém, a que é devida a queda do cambio nestes ultimos dias... Repare que nos avizinhavamos da casa dos 4...

—Houve factores..

—Um deles...

—A Sociedade Aliança solicitou ao Estado que lhe vendesse um certo numero de cambiais, para pagar um carregamento de trigo que em breve chegará ao Tejo.

—E o Estado...

—Deferiu o pedido. Vendia-lhe as cambiais, a um cambio X, que foi logo combinado...

—O valor dessas cambiais...

—Duzentas mil libras... Particularmente soube há pedaço que o Tota, banqueiro dessa sociedade, tem comprado há quatro dias no mercado libras que perfazem duzentas mil...

—Porque recusou a Sociedade Aliança as cambiais que lhe vendia o Estado...

—Muito simples. Porque tinha de dar escudos e não os tinha... Socorreu-se então da casa Tota que, sem intuito algum de especulação, adquiriu na praça o quantitativo necessario para pagar o carregamento de trigo...

—Uma perturbação grande...

—Pequena, pode dizer... Ha erros que vêm de longe, desde Rego Chaves, quando ministro das Finanças. Ha erros novos tambem... Tudo isto junto...

—Tem o estado ouro...

—Tem.

—Muito...

—Não sei...

—Serio, não sabe?

—O *Seculo* de hoje dá a entender que não... No entanto...

—Ia a dizer...

—Que se receberam hoje importantes remessas de ouro da Agencia Financial. E' um caso publico... O Banco de Portugal poderá informá-lo...

—A sua noticia é importante...

—Sem duvida! Nem tudo são nuvens...

A POLITICA DE HOJE

O GOVERNO

CONTINUARÁ NO PODER?

Está quasi afastada a proposta da recomposição

Será ainda possivel uma recomposição ministerial?

As nossas impressões dizem-nos que não. Mas póde muito bem ser que a situação politica ainda se modifique até á sessão parlamentar de segunda feira.

A recomposição seria feita com relativa facilidade se os ministros que não pódem continuar no governo com assentimento da maioria e das oposições, abandonassem as suas pastas.

Mas parece que nenhum deles está na disposição de abrir o exemplo.

Todos querem cair de pé, embora arrastando na queda os que se não «queimarem».

Nestas condições está pois, indicada esta solução: o sr. Antonio Maria da Silva péde a demissão colectiva do gabinete e encarrega-se de organisar o que lhe ha de suceder.

Quantos dos ministros actuais transitarão para o futuro governo?

Póde dar-se quasi como certo que continuarão no poder, além do sr. presidente do ministerio, os srs. Vitorino Guimarães, Rodrigues Gaspar, Azevedo Coutinho e Vasco Borges.

Para as pastas que é preciso preencher de novo tudo quanto se diga por emquanto é prematuro.

JOALHARIA LORY, ROCIO 40.—Compra brilhantes, ouro e prata pelo maximo valor actual.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	90$000	100$000
Londres, cheque	3	2 3/4
» » 90 d. v.	3 1/32	—
Rio Londres	6 3/16	—
Paris	1$231	$343
Itália	$764	$823
Bélgica	1$148	1$253
Suiça	3$249	3$544
Espanha	2$736	2$985
Berlim	3	4
Holanda	7$029	7$668
Nova-York	17$917	19$545
Rio Lisboa	1$980	2$152
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$600	1$700

Aida Andrade Damasceno Fiadeiro

Faleceu

Antonia Andrade Fiadeiro, Antonio Damasceno Fiadeiro, Lidia Andrade Damasceno Fiadeiro, João Andrade Damasceno Fiadeiro, Rosa Damasceno Fiadeiro e filhos, Francisca Caetano Andrade, João Manuel Andrade e filhos participam o falecimento de sua chorada filha, irmã, neta e sobrinha e que o funeral se realiza amanhã, 5, pelas 15 horas, da rua Filipe Folque, 71, 1.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

Lotaria de hoje

Numeros mais premiados

3594	90.000$	3927	10.000$
989	30.000$	704	5.000$

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

47, RUA DO CARMO, 74

ANTIGA CASA JOSÉ ALEXANDRE

8, Rua Garret (Chiado), 18—LISBOA

Telegramas—CASALEX — Telefone—Central 699

Abertura da estação de Inverno e exposição das novidades chegadas

O mais vasto e completo sortido de artigos de ménage, baterias de aluminio para cozinha, serviços de mesa em porcelana e cristal, aluminite de Limóges para ir ao fogo.

Marmores artististicos, estatuetas de terre-cuite, Filtros «Mallié» para agua—sem velas nem ligações de cautchouc—os melhores por serem os mais simples, Christofle e metais brancos.

Talheres de todas as qualidades.

Maquinas para café, serviços de chá e café para particulares e hoteis, travessas e bandejas em metal prateado de 1.ª qualidade.

Aquecedores para pés e mãos de todos os modelos e sistemas. Fogões electricos e a petroleo para aquecimento de casas.